

## NOTA DE IMPRENSA

### ***DIA MUNDIAL DO AMBIENTE: A NATUREZA AMEAÇADA NA REGIÃO DE LISBOA***

A data de 5 de Junho foi instituída para celebrar o Dia Mundial de Ambiente, tornando-se oportuno uma reflexão sobre a qualidade do mesmo na Região de Lisboa.

À volta de Lisboa, entre a Serra de Montejunto e o Estuário do Sado, encontram-se algumas das mais valiosas Áreas Naturais de Portugal. No entanto, a importância ecológica destes locais não é acompanhada pelas necessárias medidas de preservação e respeito pela conservação dos valores naturais, prosseguindo a degradação da vegetação, fauna, solo, águas superficiais e subterrâneas.

As cinco Associações de Defesa do Ambiente subscritoras denunciam as principais ameaças à integridade e manutenção das Áreas Naturais da região de Lisboa:

- O crescimento urbano constante, contínuo e desordenado, ocupando falésias, zonas ribeirinhas, linhas de água, leitos de cheia, zonas declivosas, e avançando mesmo em áreas supostamente protegidas (como no Parque Natural de Sintra-Cascais e no Parque Natural da Arrábida), e ameaçando locais de elevado valor ecológico, como a Mata de Sesimbra e a Península de Tróia.
- A destruição e artificialização acelerada das margens dos Estuários do Tejo e do Sado, que nos últimos anos viram uma grande parte dos sobreviventes sapais, bancos de lodo e antigas salinas destruídos por aterros urbanos e pela construção de pisciculturas industriais.
- As pedreiras de Calcário, Areia e outras rochas dos concelhos de Alenquer, Mafra, Sintra, Seixal e Sesimbra, que alastram impunemente destruindo de forma irreversível o relevo, os solos, a vegetação e a fauna. E que depois de terminada a função extractiva, são utilizadas (por vezes de forma legal) como vazadouro de entulhos e resíduos, com graves consequências para a qualidade das águas subterrâneas.
- A situação vergonhosa da maior parte dos cursos de água, sem vegetação ribeirinha, em muitos casos praticamente sem fauna aquática, com elevada poluição hídrica de origem industrial, urbana e agrícola, salientando-se o papel das suiniculturas nalguns locais a Norte de Lisboa.
- A florestação com Eucaliptos, com extensas manchas uniformes em todos os concelhos a Norte de Lisboa, verdadeiros desertos biológicos que contribuem para a degradação acelerada dos solos e dos aquíferos.
- A manutenção de uma caça desportiva depredadora e sem respeito pela Natureza e pela Vida Selvagem, inclusive no interior das Áreas Protegidas, com as Associações de Caçadores nas zonas “ordenadas” a promoverem o abate até à extinção dos pequenos carnívoros e das aves de rapina, apesar de protegidos por lei.

Não querendo fazer uma relação exaustiva de todos os casos graves de ameaça aos valores naturais na região de Lisboa, as Associações Subscritoras não podem deixar de salientar os seguintes casos particulares:

- Parque Natural de Sintra-Cascais: Situação preocupante perante as cedências sucessivas à pressão imobiliária, e a apatia face à degradação dos ecossistemas naturais.

- Estuário do Tejo (Margem Sul): As margens do Tejo continuam sujeitas ao despejo indiscriminado de entulhos e lixos de toda a espécie, e continua por fazer o tratamento da maior parte dos esgotos que são lançados no rio. Mais recentemente, as “propostas” e intenções das Autarquias da Margem Sul ameaçam desfigurar irreversivelmente a zona ribeirinha do Estuário do Tejo, expurgando-a dos bancos de lodo, areais, sapais e antigas salinas da zona entre-marés, vítimas previstas dos aterros da “requalificação urbana”.

Um exemplo concreto é o da zona ribeirinha do concelho da Moita, vasta área com cerca de 10 Km<sup>2</sup>, que embora oficialmente protegida (REN – Reserva Ecológica Nacional), continua à mercê de diversas agressões ambientais: aterros em larga escala em antigas marinhas de sal, lixeiras clandestinas, esgotos (sem qualquer tratamento) industriais, urbanos e de explorações agro-pecuárias, bem como a ocupação indevida de solos da REN para actividades poluentes.

Por vezes a ameaça às zonas ribeirinhas do Estuário do Tejo surge das próprias entidades da Administração Central mandatadas para as proteger. A antiga DRAOT-LVT (Dir.Reg. Ambiente e Ordenamento do Território de Lisboa e Vale do Tejo) licenciou, promoveu e apoiou a destruição de uma grande parte do Sapal de Corroios (Seixal), para instalação de uma piscicultura intensiva. Após quase dois anos de protestos públicos, a Câmara Municipal do Seixal embarga as obras e o Ministério do Ambiente finalmente declara a nulidade de licença. Mas permanece a destruição causada no Sapal, e tarda a intervenção das autoridades responsáveis para renaturalizar a extensa área intervencionada.

- Estuário do Tejo (Margem Norte): Ameaças de urbanização pendem sobre os 300 hectares da Zona Ribeirinha de Alverca-Forte da Casa, autêntico oásis ecológico e único local da Margem Norte do Estuário onde ainda criam aves aquáticas, incluindo espécies tão raras e interessantes como o Pato-de-bico-vermelho, o Perna-longa e o Tartaranhão-dos-pauis. Esta zona encontra-se além disso sujeita a uma forte pressão da caça “desportiva”, inviabilizando a sua utilização pela fauna selvagem durante grande parte do ano.
- Vale do Rio da Ota (Alenquer): Este “canhão” cársico escavado ao longo de milhares de anos pelo Rio da Ota, apesar de constituir uma paisagem única na Região de Lisboa, encontra-se ameaçado pela expansão das pedreiras, pela poluição das águas, e pelas intenções da EPAL de betonizar o leito do rio.
- Mata de Sesimbra: Apesar de incluída em grande parte na Rede Natura 2000, esta valiosa área natural encontra-se sujeita a enormes pressões imobiliárias, sofrendo agora a ameaça dos “projectos turísticos estruturantes”, depois de ter enfrentado durante anos a expansão dos bairros clandestinos.

Lisboa, 4 de Junho de 2003

ALAMBI  
CACAV  
GEC  
Grupo Flamingo  
FAPAS